

Paixão pela ignorância

Jorge Santos

*A ignorância em si não é um mal, nem é uma fonte do mal,
mas quando ignoramos a ignorância, e o que ela significa em nossa vida,
então ocorre uma infinita concatenação de males.*

Daisetsu Teitaro Suzuki¹

Deixar-se cair, soltar-se, esvaziar-se de toda ilusão, romper-se, fazer saltar as costuras, despir as ficções do *Um* mesmo, fazer em pedaços o eu, brincar com máscaras, inventar-se, criar-se, habitar a vacuidade. Vazio que faz ver melhor a escuridão. Paixão que enfrenta a falta em ser, ódioapaixonamento, ignorância, sintoma de saber, produção, torção, invenção, saber fazer, sinthome.

Lacan ensina que a vida não tem nenhum sentido preestabelecido e que, portanto, não existe o ser a priori. À existência, falta o ser, por isso é necessário criá-la, sustentá-la, produzi-la. Não há um destino preestabelecido, mas agarrar-se a um caminho próprio implica perder a bússola do sentido, apagar as ondas da mente, quebrar o espelho, deixar-se ser pela palavra. Falando se é, e as paixões são o modo pelo qual um falante se dá um ser. Frente à falta de ser, as paixões vêm dar um sentido, uma razão à existência, ondas ao corpo.

Em "Função e campo da palavra", Lacan menciona as paixões do ser com a intenção de aprofundar no caráter errôneo da existência, explicitando que a verdade emerge da divisão constitutiva do sujeito:

"... o sujeito se constitui na busca da verdade. Basta recorrer aos dados tradicionais que nos fornecem os budistas, embora não sejam eles os únicos, para reconhecer nessa forma de transferência o erro próprio da existência, sob três aspectos que eles resumem assim: o amor, o ódio e a ignorância. Será, pois, como contra-efeito do movimento analítico que compreendemos sua equivalência no que se costuma chamar uma transferência positiva na origem, já que cada um encontra uma maneira de se esclarecer graças aos dois outros sob esse aspecto existencial, se não se excetua o terceiro geralmente omitido por sua proximidade em relação ao sujeito"² (Lacan, 2002, p. 297).

Sob o panorama anterior, as paixões se apresentam como entrelaçadas entre si, e é a transferência que permite vislumbrar o erro próprio da existência que encontra sua justificativa no amor, no ódio e na ignorância. Desse modo, a tragédia do erro da existência se monta na transferência e o desejo opera sustentando a pergunta sobre o ser que é o motor da experiência analítica. Embora Lacan destaque o caráter homólogo das paixões; na união entre o simbólico e o

¹ Traduzido do espanhol.

² (Traduzido da versão em castelhano) J.Lacan. Escritos 1. Función y campo de la palabra en psicoanálisis. Siglo XXI: Buenos Aires. 2002. p. 297.

imaginário situa o amor; entre o imaginário e o real, o ódio; e na união entre o real e o simbólico, a ignorância, ele destaca claramente que o esquecimento da ignorância torna impossível a prática analítica.

No seminário "Mais, Ainda", Lacan alude ao saber e à ignorância, sustentando que não há metalinguagem e que esta se confunde com a marca deixada pela linguagem.

“É por aí que retorna à revelação do correlato da língua, esse saber, além do ser, sua pequena chance de ir ao Outro, do qual, no entanto, observei da última vez - este é o outro ponto essencial - que esse saber a mais é paixão da ignorância, e que justamente, é disso que ele não quer saber nada: do ser do Outro, não quer saber nada”³ (Lacan, 2010, p. 146).

Há uma discordância entre o saber e o ser, e nada se quer saber desse erro da existência. No entanto, a ignorância pode ser colocada em termos de leitura da marca que a linguagem deixa sobre o ser: "a escrita é um traço onde se lê um efeito de linguagem"⁴.

Se algo retorna ao sujeito em termos de revelação através da via da linguagem, é um "saber a mais" do qual "não se quer saber nada". A linguagem é feita da lalíngua, é uma elucubração de saber sobre a própria lalíngua. O que se sabe fazer com a lalíngua ultrapassa o que pode ser dado como linguagem, pois a lalíngua nos afeta pelos efeitos dos afetos. Daí que só se pode saber pelos efeitos da lalíngua em sua articulação com a linguagem.

Para destacar a relação entre o saber e as paixões, vale mencionar que, embora o amor impulsione o saber, nada concentra mais ódio do que esse dizer sobre a ex-sistência. Portanto, a paixão pela ignorância se apresenta como suporte para abrigar o fato de que não há saber que suporte a falta de ser.

A ignorância é a base do triângulo que reúne em seu vértice as outras duas, o amor e o ódio. O trio das paixões convoca o saber através de um discurso que quer entrelaçá-las, mas falha. A partir do falho, as paixões sustentam a função inacabada da palavra e surgem pontos de ruptura que ameaçam o real, o simbólico e o imaginário em sua articulação. Podemos afirmar que a grandeza da condição humana reside no falho da existência que poeticamente deverá se forjar por efeito de lalíngua. A necessidade constante de criar costuras, remendos, cerzidos e alinhavos mostra a essencial fragilidade do sujeito, dividido entre a verdade e o saber. Embora o intento de reparar as rupturas, fissuras e feridas sejam maneiras de se sustentar no mundo, não há como tapar a inesgotável fonte da poiesis que nos habita. Portanto, não se trata de obstruir o vazio, mas de saber o que fazer com ele para que interpele a singularidade de cada um. Finalmente, o trabalho têxtil de corte e confecção mostra diferentes modos de lidar com as

³ (Traduzido da versão em castelhano) J. Lacan. (2010). Aun, *Seminario 20. Buenos Aires*: Paidós. p.146

⁴ (Traduzido da versão em castelhano) J. Lacan. (2010). Aun, *Seminario 20. Buenos Aires*: Paidós. p.147

vestimentas, tecidos rasgados, marcas no corpo, textos que nos constituem. Entre o têxtil e o textual, em ato, expressa-se o ser como paixão da existência.

Esboçado o anterior, faz sentido perguntar-se: é possível que o dispositivo analítico possa continuar gerando as condições de possibilidade para que o ser se revele, mesmo que os pacientes venham com menos demandas sintomáticas?

Pode nosso artifício continuar sustentando o vazio da falta de ser, sob as condições atuais que promovem curas rápidas e/ou remédios milagrosos para tamponar a dor humana? Que relação deve ter o analista com as paixões? Como situar as três paixões do ser – amor, ódio e ignorância – em relação ao fazer do analista? Se o falar implica o ser, o analista, quando fala, o faz a partir de suas paixões? Como pode um analista sustentar a abstinência, em um tempo em que o mundo está desmoronando e o convoca a sair do consultório?

Ainda que não pretenda responder a essas perguntas, é preciso questionar a forma em que nos envolvemos em nossa prática. É fundamental não só interrogar a psicanálise, mas nos interrogar a partir de nosso lugar como analistas. Nesse sentido, e seguindo Lacan, vale a pena pensar nosso lugar a partir da proposição de 9 de outubro de 67, onde o autor articula uma psicanálise em intenção, que concerne a uma psicanálise pura ou que se coloca em termos de cura; e uma psicanálise em extensão, como uma proposta que faz laço entre analistas no que Lacan denomina escola (instância de transmissão).

Desse modo, na intenção, se potencializa uma cura sustentada na transferência clínica, na qual se articulam amor e saber, a partir do pivô do sujeito suposto saber, que motiva o trabalho do inconsciente. Por sua vez, na extensão, propõe-se uma transferência de trabalho onde o que se transfere é o próprio trabalho, ou bem, os fracassos e questionamentos que o próprio trabalho confere. Tanto na intenção quanto na extensão, se propõe uma nova relação com o saber, uma heresia possível que questiona de algum modo o Nome-do-Pai. Em ambos os casos, o analista é convocado a sustentar o que faz e o que diz, além de supor, os analistas se sustentam por seu desejo, operação que resguarda e produz o ser e o saber, reinventando a psicanálise.

Poderíamos pensar que através das relações entre as três paixões - com os três registros -, Lacan analisa a entrada em análise e a constituição da transferência. Para começar uma análise, o sujeito deve se colocar na posição de quem ignora, mas deseja saber. O amor e o ódio são incluídos como possibilidades dos avatares transferenciais e do sustento do desejo. A perspectiva que orienta essas considerações é a realização do ser ao final da análise. Embora o ser exista virtual ou potencialmente no início da análise, é pela ação da palavra que ele alcança sua realização. O analista, nesse sentido, doa seu ser para operar a partir de um lugar vazio (de objeto) onde circula o desejo e, com isso, o ser e o saber se produzem.

Um analista, ao acolher um sujeito, oferece a possibilidade de um encontro com o próprio vazio, tornando-o operativo. É pelo discurso psicanalítico que percebemos que é a paixão pela ignorância, que oferece as vias para nos questionarmos sobre o próprio ser e, assim, escapar às

fatalidades do destino. As paixões do ser, entendidas do lado do analisante, são correlativas à falta de ser e expressam sua relação com o Outro na transferência. Ama-se e odeia-se aquele a quem se supõe saber. O amor ao saber é uma manifestação do horror ao saber próprio da repressão e, em última análise, mantém o sujeito na ignorância.

As paixões do ser também dizem respeito àquelas que a posição do analista rejeita. Pensar o analista, então, não envolve uma conceituação ou um ser que o fundamente, mas sim um lugar que opera uma função a partir do de-ser. O analista está em uma zona incerta, que poderíamos chamar de neutra, para ser motor na busca desse saber que foi rejeitado. Não se trata de que o analista ignore o que sabe, mas que coloque em funcionamento o desejo de saber, a partir do qual opera o desejo do analista e, com isso, realize seu ato. Por outro lado, ocupar esse lugar implica um trabalho próprio do analista para não sucumbir aos embates da contratransferência e à sua própria pregnância fantasmática.

Retomando a Psicanálise em extensão, a transferência opera não só a partir do trabalho, mas também a partir da transmissão de um estilo de trabalho. É a partir do estilo de trabalho que se efetua uma transferência de trabalho e se transmite o impossível que sustenta o desejo. O analista transmite em seu dizer e em seu estilo a inconsistência do Outro, experimentada na própria análise e posta em ato ao convocar a transformação do resto em causa desejante, reinventando assim a psicanálise. Dessa forma, podemos nos fazer a seguinte pergunta: a extensão é o lugar onde o analista pode falar e sustentar as paixões das que, nas análises que dirige, deve se abster?

Se a resposta for afirmativa, é nosso dever pensar a instituição psicanalítica em termos do instituinte e não do instituído. É verdade que as atas deixam marcas e traços que produzem efeitos à medida que se tornam ato do ato, mas o caminho do ato deve ser preparado, construído, abrigando o vazio e a falta de ser que nos habita. Dessa forma, compartilhamos que GRITA, a partir da paixão pela ignorância, reavalia seus estatutos e proposições no caminho de uma refundação, não sem as marcas deixadas pelos fundadores.

Como bem refere Edgardo Feinsilber, se inventa desde a causa do pai, pelo que ela sustenta (a realidade fantasmática) e pelo que mantém (a castração). Pelo pai pode-se colocar um além. É a dívida com o pai que nos faz reinventar. A política do sintoma precisa da política do sinthome para sustentar uma instituição psicanalítica nas margens de uma renovação inventiva.

Finalmente, embora saibamos que a psicanálise não é revolucionária e não pretende mudar a realidade social, política ou econômica, deve acompanhar o sujeito em um caminho de interrogação e atravessamento dos discursos que o alienam. A direção de uma análise anima a heresia do sujeito, exorta a escolher a via por onde tomar a verdade para articular de outro modo amor, ódio e ignorância.